

TRABALHADORAS DA MARÉ E SABERES AFRO-BRASILEIROS: CULTURA E EDUCAÇÃO RUMO À SUSTENTABILIDADE

Jeruza Jesus do Rosário *

Resumo

Este trabalho propõe analisar a cultura produzida por pescadoras da Resex Baía do Iguape-BA, localizada no Recôncavo Sul Baiano, em sintonia com as práticas características do modo de vida sustentado dessas mulheres. Essas mulheres, negras em sua grande maioria, lutam diariamente por seus direitos e participam ativamente da tomada de decisões dentro de uma reserva extrativista. Busca-se, neste contexto, entender a complexidade entre sociedade, meio ambiente, educação e sustentabilidade na possibilidade de análise da realidade natural, cultural e social que resulta das vivências de seu cotidiano. Nas vivências dessa mulher trabalhadora na pesca, herdeira de um vasto leque de saberes afro-brasileiros, ela produz uma cultura sensível à questão ambiental que anima a valoração da vida e, conseqüentemente, norteia caminhos rumo à sustentabilidade. No sentido da sustentabilidade, o cuidado com o meio expressado por elas, direciona a pesquisa para a relevância de aspectos culturais marcantes desta população e quais principais contribuições para a educação podem ser elencadas neste processo. Incorpora-se ao trabalho, o levantamento das histórias do cotidiano da mulher na atividade pesqueira feminina em seu espaço de vida, de vivências do mundo simbólico e da realidade dentro de uma área ambientalmente protegida.

Palavras-Chaves: pescadoras; saberes afro-brasileiros; cultura; educação; sustentabilidade

Introdução

Os estudos que permitiram a conclusão e defesa de minha dissertação de Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB, intitulada “Marisqueiras e Pescadoras: O Cotidiano na Reserva Extrativista (Resex) Baía do Iguape-BA”, iniciaram-se em Março de 2007. A referida Resex localiza-se no Recôncavo Sul Baiano. Nestes estudos, busquei retratar o cotidiano das pescadoras na Resex Baía do Iguape em seu espaço, a percepção que estas mulheres possuem de si próprias neste espaço e a relação delas com o

*Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Ciências Humanas/Campus V(2009). Graduação em Geografia e Urbanismo também pela UNEB (2004). Professora do Ensino Público Básico e Professora-Tutora do Curso de Geografia da UNEB/UAB. Membro - Pesquisadora do NGEAALC/ UNEB - Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros em Línguas e Culturas, coordenado pela Prof^a Dra. Yeda Pessoa de Castro. Tem experiência na área de Geografia com ênfase em Geografia Humana. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Geografia Cultural, Geografia de Gênero, Mulher Trabalhadora, Pesca, Sustentabilidade, Gestão Participativa, Educação Ambiental, Áreas Ambientalmente Protegidas.

meio ambiente. Através da observação do espaço vivido, e sob o prisma da ciência geográfica, procurei diagnosticar a representação desse ambiente como cenário de vida e de trabalho, assim como o papel dele como mediador na transmissão de conhecimentos.

Com a conclusão do Mestrado, senti a necessidade da continuidade desta pesquisa, no sentido de analisar a importância do papel da cultura produzida pelas mulheres trabalhadoras na pesca para uma educação de perspectivas sustentáveis. O fato de a localidade estudada apresentar forte presença de populações afro-brasileiras e o de que estas mulheres produzem uma cultura de expansão de valores baseados na ética ambiental, tem-se aí, contribuições de extrema relevância para uma educação com vistas à sustentabilidade de crianças, jovens e adultos. Vejo que o estudo sobre as pescadoras da localidade da Baía do Iguape corrobora com questões relacionadas à cidadania, à gestão participativa, à democratização, ao desenvolvimento local, à sustentabilidade, entre outras.

Faz-se necessário lembrar aqui, que as pescadoras da Baía do Iguape, na condição de detentoras e reprodutoras de saberes afro-brasileiros, colaboram em muito com a preservação da herança religiosa e cultural africana, o que evidencia um espaço de valorização da particularidade negra no patrimônio cultural brasileiro.

Neste sentido, procuro dirigir esta pesquisa rumo à compreensão do modo de desenvolvimento de culturas de localidades como a Baía do Iguape, tão enraizadas no mundo natural, encantadas por seus mitos, explicações mágicas e tradições seculares, a exemplo das histórias sobre a Vovó do Mangue e do Caipora. Na Baía do Iguape, mesmo pescadoras que não assumem religião de matriz africana, confirmam fazer oferendas à Vovó do Mangue, o que podemos verificar na transcrição de D. Edna Santos:

a gente tá ocupando a área dela, aquilo ali, a gente vai e acha, então, custa nada, a gente levar um cachimbo, um pedacinho de fumo de corda..., quando a gente tem uma vózinha, o que é que a gente faz? Se a gente vê que ela gosta, a gente leva até uma pingazinha pra pudê agradá a vó (risos)

Tem-se nesta transcrição, referência à figura da Vovó do Mangue, lenda que, segundo relatos, protege fiel e bravamente o manguezal. Sobre populações como a da Baía do Iguape, é

imprescindível atentar para o fato de que estas são preenchidas de marcas da religiosidade de matriz africana. A exemplo do candomblé, religião afro-brasileira que constitui-se da ressignificação dos cultos aos orixás praticados no continente africano por diversos grupos étnicos, que passaram por algumas adaptações, consequência do processo econômico escravocrata.

As tradições de matriz africana se fundamentam nos princípios de unicidade, solidariedade e independência, logo são tradições extremamente afinadas com as premissas de um modo de vida sustentado. A instituição candomblé, conforme Lody (1987:10), “centenária e fortalecida, polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, a hierárquica, a ética, a moral, a tradição verbal e não-verbal, o lúdico e tudo, enfim, que o espaço da defesa conseguiu manter e preservar da cultura do homem africano”.

Nesta linha, creio ser possível mesmo motivar o repensar das relações entre Homem e meio natural, tendo a mulher como indivíduo de representação no processo do “despertar do mundo”. Consoante a este pensamento, Leff (2001) fala sobre a impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento.

Pescadoras e Saberes Afro-Brasileiros: Cultura e Educação

Há a crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação. Essa ética de conservação está, vejo eu, calcada nos paradigmas de imaginário, topofilia, relação sociedade *versus* natureza, visão holística, espiritualidade, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros. Consoante a isto, tem-se que os processos educativos no candomblé, por exemplo, são concebidos por meio de uma educação integral. Não se divide o saber, não se separam as disciplinas. Somam-se os valores ético-filosóficos ao cotidiano. A educação é para toda a vida, é o desenvolvimento do ser em todas as suas potencialidades (BOTELHO, 2005). Melhores perspectivas se delinearam nas últimas décadas, já que se desenvolveram bastante e positivamente as pesquisas sobre “povos tradicionais”, sobretudo os desafios e conflitos em que estão inseridos, numa perspectiva

interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza (CASTRO, 1997:165).

Os povos tradicionais, a exemplo das mulheres trabalhadoras na pesca, elaboraram um profundo conhecimento sobre os ecossistemas nos quais vivem e trabalham, o que garantiu a reprodução de seu sistema social e cultural, seu modo de vida. Os sistemas tradicionais de manejo revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

Assim, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras. E é aí que entra a aplicação de seus saberes afro-brasileiros para uma consciência ecológica ampla e frutífera. São as mulheres que parem, cuidam, passam a maior parte do tempo com suas crianças, numa partilha contínua de ensinamentos e aprendizados em casa, no manguezal ou na canoa. Neste sentido, com Santos (2005), temos que “o ser humano é elemento chave das transformações propostas”. Tem-se nestas mulheres, indivíduos que colaboram com a preservação de uma cultura local e que desenvolvem pilares necessários à uma educação para a sustentabilidade. Aqui tem-se a referência à educação para a cidadania, elemento determinante para a consolidação de sujeitos cidadãos. O fortalecimento da cidadania é um desafio, a exemplo da população da Resex Baía do Iguape, e concretiza-se pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, transformando-se em ator co-responsável na defesa da qualidade de vida.

Vivenciamos uma sociedade impregnada de valores que privilegiam apenas o conteúdo eurocêntrico nas escolas brasileiras, que historicamente tem alijado negros e brancos de um conhecimento presente na cultura brasileira e este fato vem dificultando uma consciência reflexiva e emancipatória da nossa população. Sugere-se então, um diálogo entre os temas relacionados ao meio ambiente e aos saberes das comunidades religiosas tradicionais negras, como via para ampliar os seus espectros de possibilidades no manejo da natureza.

Como já apontado na introdução, o problema desta pesquisa surgiu ainda no período da escrita da dissertação de Mestrado, onde senti a necessidade de compreender como as

vivências do cotidiano das pecadoras implicam numa educação em direção à sustentabilidade. Ampliar e seguir a linha do que foi já produzido até aqui é a proposta para a continuidade destes estudos. Para isso, faz-se importante verificar o quão e como se constitui o papel da cultura produzida por marisqueiras e pescadoras para o desenvolvimento de uma educação baseada nos princípios da sustentabilidade.

Pesquisar a mulher trabalhadora explica-se pelo fato de que nas vivências dessa mulher, no poder dos saberes tradicionais que se verifica, de modo indelével, as fortes marcas da cosmovisão africana e afro-brasileira, onde se faz natural aprender a conservar a natureza, um modo de resistência aos descuidos com o meio ambiente, haja visto a identificação dos orixás com a natureza. É uma cultura sensível à questão ambiental que anima a valorização da vida e, conseqüentemente, norteia caminhos rumo à educação de perspectivas sustentáveis e à melhores condições de vida para sua localidade. Neste sentido, cabe questionar como a cultura produzida por esta mulher implica em práticas sustentáveis.

Tem-se, aqui, o conceito de sustentabilidade como a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana, que prediz a participação comunitária na definição do manejo da área protegida e dos principais atores interessados. Ela implica a mudança de uma participação mais passiva/consultiva, para uma forma de participação mais interativa e mais distribuidora de poder.

A inserção da mulher na atividade pesqueira se fez, sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. Historicamente, na busca pela sobrevivência, as mulheres adaptaram-se à competitividade comuns ao processo de *acumulação* e poder *dominante*, e nessa busca pela equidade entre homens e mulheres é que se estabelece a grande participação das pescadoras nas mobilizações realizadas na Baía do Iguape, visando a valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas.

Este estudo desenvolve-se sobre a Resex Baía do Iguape, especificamente nas localidades de Maragojipe, Nagé e Coqueiros. Dados do IBAMA e da Colônia de Pescadores de Maragojipe e de Santiago do Iguape nos mostram a existência de um universo de cerca de 8.000 trabalhadores na pesca em toda a Baía do Iguape. Em Maragojipe, são associados,

aproximadamente, 3.500 pescadoras e pescadores, sendo mais de 50% deste corpo de associados composto por mulheres.

A Resex, conforme definição do IBAMA, “é uma Unidade de Conservação destinada à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações nativas e extrativistas. Tem como propósito garantir a terra às famílias nativas e extrativistas, conservar os recursos naturais por meio de sua exploração sustentável, organizar, capacitar ou fortalecer o processo de organização dos moradores para a co-gestão com o IBAMA dos espaços e recursos naturais, e implementar alternativas de renda que propiciem a melhoria da qualidade de vida das famílias que habitam na área”.

Vale registrar que, para este estudo, trago a utilização do termo “pescadoras” com referência às mulheres trabalhadoras na maré, devido à relevância do fato de que muitas delas realizam a pesca propriamente dita, além da mariscagem. Faz-se também necessária a consideração de que a atividade da pesca abrange desde os procedimentos iniciais, como a preparação dos apetrechos necessários à atividade da cata ou pesca, até o beneficiamento do produto.

A pescadora na Baía do Iguape enfrenta dificuldades diversas da realidade integradora de uma reserva extrativista e traz em seu bojo os saberes constituídos pelos antepassados, os quais são perpetuados pela transmissão de tradições. Estes saberes contam com atores sociais de grande relevância representados pela figura da própria pescadora, a qual privilegia e reforça os laços de identidade e de afetividade com o meio natural. Apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto cultural de nossa sociedade moderna e urbana, acredito que algo pode ser transformado em nossa visão de mundo, no momento em que aceitemos partilhar de valores que trazem as singularidades da conexão entre ser humano e natureza, no desenvolvimento de uma cultura e de uma educação em prol do modo sustentado de vida.

Vale ressaltar que o entendimento de educação não se restringe aos bancos escolares, mas sim, em interações que produzem conhecimentos e valores civilizatórios construídos mediante uma lógica de comunidade e solidariedade favoráveis à manutenção da vida no planeta, assim como reza o conhecimento ancestral dos saberes afro-brasileiros.

Educação e Cidadania: Rumo à Sustentabilidade

Cada mínima porção da natureza são constitutivas dos indivíduos e de seus grupos que compõem a civilização ora vivenciada. Segundo as premissas dos saberes ancestrais, vê-se urgente a necessidade de reordenação do comportamento segundo as exigências de um novo contexto, conduzindo o indivíduo a reorganizar seu mundo e sua prática de acordo com os novos cenários construídos.

A realidade atual exige uma reflexão numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes. Trata-se de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade de a população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental.

O olhar voltado para o bem-estar coletivo trazido pelos saberes ancestrais africanos, de forma geral, possibilita leituras do mundo, relações humanas harmoniosas e de convivências igualitárias, em que todos podem viver com autoconfiança, dignidade e respeito e, também, que devemos ter respeito pelo planeta que nos acolhe, afinal, sem ele a humanidade não sobreviveria.

Neste contexto, e que se verifica é a importância de investigar como as práticas de grupos, geralmente silenciados, podem favorecer a construção de conhecimentos de significativa relevância. Na busca da compreensão destas práticas, lançamos mão de alguns conceitos que considero importantes. A cultura constitui a percepção predisposta a enxergar a tudo que faz como parte do meio, conforme Laraia (2001). Logo, tem-se, então, uma apreensão de como determinados grupos têm a possibilidade de explicar a si próprios, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local.

Na realidade da Baía do Iguape, há uma cultura produzida por mulheres, algo muito próximo da filosofia dos ensinamentos afro-brasileiros, na qual se estabelece uma relação entre o ser humano e a natureza tendo suas bases fundamentadas em práticas culturais, nas quais a natureza se apresenta de forma intensa. Este pensamento afina-se ao de Cláudia Cristina Souza (1991), quando esta, em seu estudo também sobre as mulheres da maré de Maragjipe,

observa que estas trabalhadoras parecem mesmo sempre se referir muito preenchidas de intimidade com o seu lugar, com o manguezal, suas casas. Nesta perspectiva, percebe-se o quanto Homem e natureza se integram.

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara suas atitudes numa ampla e complexa cadeia de inter-relações ambientais. Aliás, como já afirmara Diegues (1983:199) em seu estudo sobre camponeses e trabalhadores do mar, “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas.”. A pescadora se habitua aos ritmos naturais, se integra e aprende com o meio natural, posto isto, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras.

Para a construção de sociedades sustentáveis, é necessário dizer não aos valores civilizatórios hegemônicos que se encontram tão arraigados em nossa civilização. Inaugurar um novo olhar sobre a humanidade e o meio ambiente é algo necessário e urgente, o que Botelho (2000) expressa brilhante e poeticamente da seguinte forma: “assim como fazem os iaôs que, quando são recolhidos para a sua iniciação, passam pelos ciclos de morte e renascimento - precisamos renascer para novas idéias, valores e culturas”.

As peculiaridades destas trabalhadoras da maré são elaboradas numa lógica afro-brasileira, de comunidade, solidariedade e interdependência. Orientar-se por essa tríade possibilita uma postura favorável para as práticas conscientes e politizadas em relação à responsabilidade que temos com o nosso meio ambiente. Na lógica religiosa do candomblé, por exemplo, é possível afirmar que os orixás, na condição de organizadores grupais, viabilizam a harmonização dos contrários conduzindo a um processo de equilíbrio entre os diferentes seres vivos, sendo cada um respeitado na sua essência.

Conhecer os princípios da educação ambiental presentes no candomblé, por exemplo, além de promover o respeito por uma prática sociorreligiosa herdada dos negros e negras africanos e afro-brasileiros(as), ainda pode facilitar aos educadores uma ação pedagógica mais solidária em relação ao meio ambiente.

Conforme Emma Siliprandi (2000:65), as mulheres são as cuidadoras das relações entre as pessoas, nas famílias, entre vizinhos e comunidades e criam e recriam vidas dentro de um estilo peculiar de ver o mundo. O espaço em que as pescadoras realizam seu trabalho é o mesmo em que vivem, onde aprendem, onde concretizam o sentido dos lugares. Isto nos fornece pistas valiosas no sentido de podermos verificar como se modelam as experiências e como isso influencia sobre a sua ação e percepção.

Com os estudos de Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2003), envolvendo o conceito de espaço articulado ao de cultura, as pescadoras se tornam donas de seu espaço sem, no entanto, se preencherem do senso de propriedade, elas desenvolvem o sentimento de pertencimento a determinados lugares na medida em que ali constroem suas vidas. Os aprendizados na pesca, o relacionamento íntimo indivíduo *versus* natureza, são elementos formadores da cultura produzida pela mulher pescadora. Esta cultura é preenchida pela visão holística referenciada por Francisco Gutiérrez (1994), necessária ao equilíbrio dinâmico ser humano e natureza e a categoria da sustentabilidade que são pressupostos essenciais para a educação voltada para além do desenvolvimento da cidadania ambiental. Conforme Gutiérrez & Prado (1998), faz-se necessária um sistema educacional que promova a aprendizagem do “sentido das coisas a partir da vida cotidiana”. O conceito de “vida cotidiana” é essencial no contexto de vida dessas mulheres.

É preciso criar novos espaços e eleger outros atores sociais para um conhecimento educacional diferenciado (BOTELHO, 2000), e nesse aspecto privilegiar os conhecimentos de grupos que carregam o respeito à natureza, a exemplo dos quilombolas, do povo de santo, das comunidades da floresta. Será benéfico para a nossa sociedade competitiva e destruidora, que na preeminência do lucro, devasta grandiosas áreas e desrespeita a irmã-árvore, o irmão-céu, a irmã-terra, o irmão-rio, enfim, uma comunidade infinita que sustenta a existência da humanidade. A educação é para desenvolvimento do ser em todas as suas potencialidades. Como essas práticas são somadas ao cotidiano, a assimilação dos cuidados com o meio ambiente pode compartilhar dessas mesmas metodologias.

Conclusão

No sentido da vida cotidiana destas mulheres, as lutas das pescadoras ocorrem também nas reuniões da Colônia, nas quais é grande a participação das mulheres. A frequência feminina e o número de mulheres candidatas às vagas de delegados representantes da população da Resex, sempre foram maiores aos dos homens. Elas prosseguem neste ritmo atuante, participativo, pois muito do que já se conseguiu melhorar deve-se à participação mais efetiva das mulheres na colônia de pescadores.

Nas pescadoras, é percebido um sentimento de proximidade e reconhecimento em relação ao meio ambiente, talvez por isso seja tão recorrente entre elas privilegiar o equilíbrio dele, pois existe a consciência de que é dali que se tira o sustento. Esses lugares estão repletos de simbologias como a lenda da Vovó do Mangue, lenda que funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e de sua sobrevivência, levando em conta o senso de preservação e da natureza como a própria vida. Daí, vem a sua contribuição para a tarefa de educar para a cidadania, já que o histórico de suas vidas pressupõe esse entendimento, mesmo que de forma intuitiva, da necessidade de viver permanentes e complexas relações entre nós mesmos e outras formas de vida.

Enfim, podemos afirmar que para a religião dos orixás, a natureza é parte fundadora da constituição dos seres. Aprende-se que ao turvar as águas dos rios estaremos maculando o ambiente das yabás – orixás femininos – e como sabemos que os atributos de cada orixá nos possibilitam uma vivência mais saudável e íntegra, vamos assimilando valores de preservação e manejo sustentável, uma vez que precisamos intervir na natureza, sem, contudo, destruí-la, porque somos atingidos pela lição da unicidade essencial entre indivíduo e grupo, lições sobre o bem-estar coletivo (CAMPBELL, 1997, p. 369).

Nesta linha de raciocínio, o desenvolvimento sustentável, visto de forma crítica, tem um componente educativo formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação. Como afirma Castells (1999), a organização social e os valores culturais são os principais fatores responsáveis pela degradação do ambiente e não simplesmente a tecnologia. É preciso uma ecoformação para torná-las conscientes e uma série de referenciais se associam para isso: os

estudos do imaginário, a abordagem da transversalidade, da transdisciplinaridade e da interculturalidade. Neste sentido, é imprescindível uma revisão dos currículos escolares para que incorporem certos princípios no objetivo de orientar a concepção dos conteúdos e a elaboração dos livros didáticos. Conforme Jean Piaget afirmou, os currículos devem contemplar o que é significativo para o aluno, e nesse pensamento, esses conteúdos só serão significativos para este aluno, se estes forem significativos também para o bem-estar comum sócio-ambiental.

Geralmente, as populações tradicionais vivem em um sensível grau de harmonia com seus ambientes naturais e por isso são as melhores guardiãs da biodiversidade. Na verdade, conforme Colchester (apud Diegues, 2000), boa parte do apoio que essas sociedades foram capazes de atrair no mundo industrializado é resultado da crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação.

A partir do modo como trata aos seus em casa e como os inicia ao ofício da pesca, a mulher do Iguape se torna depositária e transmissora do valor que atribui à profissão. O sentido de desenvolvimento – que se construiu como uma ideologia que dá sentido ao sistema de relações de poder no mundo – é distante do sentimento de interdependência com a natureza estabelecido por essas pessoas. Há indícios de que as populações tradicionais, por viverem em comunhão com seu meio, vivenciam mais a sensação de bem estar do que populações de países tidos como “primeiro mundo”, onde a lógica seria a “submissão do outro” a título de mostra de soberania, como aborda Díaz Muñoz (1995). A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades.

As pescadoras constroem o seu espaço não apenas quando buscam o sustento, como também quando cuidam do seu meio, de seu lar e de sua família, o que abre possibilidades para a construção de uma educação que realmente empreenda uma reconstrução social. Para Pádua e Tabanez (1998), a educação ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básicas para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

Creio que trilhando caminhos de análises que levam em conta outras cosmovisões étnico-raciais, torna-se muito mais fácil a apreensão de valores como o da solidariedade com o planeta e com a própria humanidade rumo aos verdadeiros princípios da sustentabilidade. A Mãe-Terra sempre se colocou de forma muito generosa com seus habitantes e é chegada a hora de retribuir as dádivas concedidas, privilegiando a ideia de que nossas crenças podem sim ajudar no processo de revisão de comportamento humano para com a Natureza.

Referências Bibliográficas

BOTELHO, D. M. *Aya nini (coragem): educadores e educadoras no enfrentamento de práticas racistas em espaços escolares*. 2000. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) – Universidade de São Paulo.

_____. *Educação e Orixás: processos educativos no Ilê Axé Iya Mi Agba*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo.

CAMPBELL, J. *O Herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1997.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Paz. e Terra, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

CASTRO, Edna. *Faces do Trópico Úmido*. Florence Pinto. 1997.

CASTRO, Mary Garcia. (org.). *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, Francisco X. P. da; OLIVEIRA, Iolanda C. de; MELO NETO, José F. de. *Incubação de empreendimento solidário popular: fragmentos teóricos*. João pesso: Ed. Da Universidade Federal da Paraíba, 2006.

DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M *Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una geografía del género*. Madrid: Síntesis, 1995.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. Ed. Ática, 1983.

- DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local**. São Paulo: Cortez, 2006.
- GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). **História Oral Usos e Abusos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.
- GUTIÉRREZ, Francisco. **Pedagogia para el Desarrollo Sostenible**. Costa Rica: Heredia, 1994.
- JACOBI, P. et al. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LODY, R. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.
- MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- PÁDUA, S.; TABANEZ, M. (orgs.). **Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. São Paulo: Ipê, 1998.
- REIGOTA, M. **Desafios à educação ambiental escolar**. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998. p.43-50.
- SANTOS, A. Dias dos (org.). **Metologias participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos socioambientais**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2005.
- SILIPRANDI, Emma. **Contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais**. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 1, nº 1, jan./mar. 2000. p. 65.
- SOUZA, Cláudia Cristina. **Mulheres da maré: um estudo sobre as marisqueiras de Maragojipe – Bahia**. 1991. Monografia (especialização). UFBA, Salvador, 1991.
- VIGOTSKY, L. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.